

NO 40.º ANIVERSÁRIO  
DA FUNDAÇÃO DA  
«RENASCENÇA PORTUGUESA»

CARTAS ABERTAS A JAIME CORTESÃO

III

*Meu caro Jaime:*

Creio ter demonstrado com argumentos certos não poder chamar-se, por forma alguma, à «Seara Nova» uma renascença da «Renascença» e terem sido, pelo contrário, as actividades partidárias e revolucionárias que dissolveram a união que preconizámos em 1912 e procurámos realizar até 1920 por meio da revista, da conferência, do manifesto, do livro, da exposição, do concerto e, sobretudo, da Universidade Popular.

Desde 1921, consumiste todos os teus esforços e talentos numa obra de lutas agitadas e inglórias, que, em minha opinião, só serviram para maiores divisões, mais profundo descalabro e aflitiva ruína económica, financeira e cultural do País.

Mal me instalei no Rio de Janeiro, comecei a receber cartas e cartas de desolação infinita. Todos queriam sair dum ambiente pavoroso em que não havia garantias materiais nem calma espiritual.

Como naturalmente já os esqueceste, quero reproduzir aqui alguns trechos dessas cartas que retratavam a tristíssima situação a que tinham conduzido as retaliações partidárias, os despotismos irreductíveis de chefes e subchefes e, acima de tudo, a falta dum nobre sentido nacional de União e Cultura, que, em vez de provocar a interminável formação de grupos e grupelhos, fundisse num grande movimento reconstrutor as correntes de todas as espécies, as classes produtoras e o escol da Nação.

Eis esses trechos, já antes divulgados:

*«Estou farto disto até aos olhos. Indo para aí trabalhar, deixo aqui as minhas estrelas de general e portanto não faço dificuldade quanto à espécie do lugar».*

(Do General que em 1926 dirigiu a Revolução)

*«Como o invejo, meu amigo! Por mais doloroso que pareça, no momento que passa é mil vezes preferível o doce exílio do Brasil à permanência na Pátria».*

(Dum notável Artista)

*«A literaturazinha nacional cada vez mais trôpega, de resto como tudo. Isto tornou-se um inferno. V. é feliz*

*em estar longe. A única solução dum homem honesto e digno é fugir».*

(Dum eminente Escriitor)

Acredito que, ao iniciares as diligências para a formação em Lisboa duma Sociedade diferente da «Renascença», tivesses acalentado o sonho de poder transformar, por meio dela, o terrível ambiente que começara a asfixiar o País.

Ansiavas por intensas lufadas de ar renovador, vias com a máxima nitidez os perigos a que estava sujeita toda a orgânica do Estado e a própria vida nacional, mas caíste nos mesmos erros dos outros: — abandonaste o agrupamento a que deras dez anos de entusiasmo e organização inexcedíveis e promoveste nele uma cisão que havia de ser, como foi, fatal para ambas as partes.

A «Seara Nova» teve sempre existência atribulada e sem os retumbantes êxitos construtivos que tu previsteste; e a «Renascença» foi esmorecendo pouco a pouco até apagar-se por falta de energias realizadoras.

Tenho no meu arquivo dois impressos datados de 24 e 28 de Abril de 1925, em que se lêem as seguintes dolorosas confissões:

No primeiro:

*«Os sócios da Renascença Portuguesa, que requereram a reunião da Assembleia Geral, que se efectuará amanhã, 25 do corrente, para tratar da situação irregular em que a mesma colectividade se encontra, e procurar que ela seja reconduzida aos fins superiores que determinaram a sua fundação, vêm rogar a V. o obséquio da sua comparência na respectiva sede, pelas 21 horas precisas do dia acima indicado».*

No segundo:

*«Amanhã, 29 do corrente, pelas 21 horas, continuará a reunião da Assembleia Geral da Renascença Portuguesa, que foi iniciada no passado sábado.*

*Como V. sabe, a palpitante questão que se debate no seio da «Renascença» reveste-se de três aspectos: o de ordem legal, o de ordem administrativa e o de ordem moral.*

*Como seja absolutamente necessário que a nossa colectividade regularize a sua situação, de modo a libertar-se, de vez, do estado caótico em que se encontra, vêm os sócios que andam empenhados nessa tarefa rogar a V. o favor de assistir à referida reunião».*

Verificavam-se fàcilmente os males e expunha-se em termos eloquentes a absoluta necessidade de repor a «Renascença» na dignidade de objectivos que presidiu à sua fundação. O que não dependia apenas de assembleias gerais e de fervorosos anseios era uma direcção capaz de prosseguir aquele indefectível combate de quase um decénio.

Leonardo Coimbra, grande orador, ficará na História da Filosofia Portuguesa como um de seus mais eruditos e originais criadores, mas não possuía qualidades de comando. Ele veria crescer seu prestígio de ano para ano, de modo bem seguro, se continuasse íntegra e invulnerável a direcção inicial. Desfeita esta e atraídos para a «Seara Nova» alguns dos mais válidos elementos da «Renascença», ficavam-lhe apenas o talento próprio e um feitio muito especial que não bastavam para dirigir organismo tão complexo, ferido de cisão.

Augusto Martins tinha mais qualidades organizadoras e de esplêndido cooperador, mas não o favoreciam o brilho incontestável de Leonardo nem a decisão aliciante que sempre te caracterizou.

Daí — o fracasso completo das tentativas ainda feitas para um reerguimento completamente impossível desde que te decidiste a abandonar a «Renascença».

Em 1941, se tivesses mantido a frase que, um ano antes, me disseste em Peniche: «*fali como revolucionário, agora quero entregar-me inteiramente aos meus estudos históricos*», podias ter regressado à Pátria e criado à tua volta um novo grupo social, que tantos e tão fecundos serviços podia ter já prestado e continuaria a prestar à Cultura portuguesa.

Não quiseste. Suponho que te enganaste pela segunda vez, contra ti e contra a Nação, que nunca deixou de considerar-te um de seus filhos mais ilustres.

Prometi falar-te das referências que nos últimos tempos se têm publicado a respeito da «Renascença». Mas, relidas aqui e além, em notas pouco exactas ou em meros devaneios de críticos palavrosos, não há muito a considerar. Cada um interpreta o movimento como lhe apetece e há até quem só considere «Renascença» e «*Águia*» de 1921 em diante. Como há quem negue a existência de revistas e outros órgãos de Cultura, apenas porque nelas ou neles não apareceram seus nomes... Cumpre, porém, enaltecer a iniciativa da revista «*Portucale*», que resolveu consagrar ao 40.º aniversário da fundação da «Renascença» o seu volume de 1952.

Teixeira de Pascoais abre a homenagem com pequeno artigo em que defende seu pensamento de há 40 anos nestas palavras actuais: «A atenção que principia a merecer, actualmente, a obra da *Renascença* era de esperar, porque ela inclui uma *ideia verdadeira*. E a verdade vem sempre à tona... E é certo que essa *ideia*, sendo genuinamente lusiada, vai mostrando ao mundo a nossa personalidade original, isto é, o nosso próprio conceito da vida e da existência».

Não é este o teu modo de ver e suponho que estarás a concluir, se o não concluíste já, o estudo que prometeste à referida «*Portucale*».

Suspendo, por isso, estas cartas até que possa ler tuas novas razões.

Abraça-te o velho amigo

ÁLVARO PINTO

Maió de 1952.